

O homem de Teresa*

DAMONDAR MAUZÓ

Já não estava sonolento, mas o seu corpo entorpecido não estava de acordo. Arrepiou-se na frescura da manhã e anichou-se ainda mais no conforto do seu leito.

Teresa estava na casa de banho. Peter ouvia o barulho da água a cair e teve uma repentina irritação. Foi *eu* que enchi o tanque e ela gasta a água como se nada fosse, pensou. Mas ele não ousava dizê-lo em voz alta. Ela ter-lhe-ia atirado à cara: “e eu ganho o meu salário para tu o desperdiçares?”.

Depois de lavar a cara, Teresa entrou no quarto. Peter olhava-a de olhos semi-cerrados. Molhada, a sua camisa de noite colava-se intimamente ao seu corpo. Já em bicos de pés, ela tentava alcançar uma toalha pendurada no estendal. Peter arregalou os olhos ao ver suas axilas expostas. Fechou-os para depois espreitar de novo. Ela continuava em bicos de pés, a camisa agora pelas coxas, as suas macias coxas, jovens e claras. Maravilhado com a sua beleza, Peter fechou os olhos. Se até há pouco não acordara, agora estava bem desperto. Alcançando a toalha, Teresa enxugou o rosto, depois a nuca, descendo vagarosamente, deixando a sua pele limpa e fresca enrubescida.

Na cozinha, a mãe de Peter preparava o chá, fazendo tudo de forma barulhenta como de costume. Era da opinião que tachos e panelas de alumínio amolgavam-se só de serem manuseados, portanto não adiantava ter cuidado com eles. Há muito tempo que os outros desistiram de ralhar com ela por causa disso. Peter não se achava no direito de dizer nada já que nunca comprara um novo jogo de panelas. Teresa, sabendo que nunca teria dinheiro para uma panela de

* Traduzido do inglês por Duarte Braga e Paul Melo e Castro.

inox – pelo menos nesta vida –, nada dizia para não entrar numa discussão. Por isso a barulheira continuava como de costume.

“Pedrú!”, gritou Teresa.

A maioria das esposas transforma carinhosamente os seus Antônios em Tonis e Vitorinos em Vítores, mas Teresa não. Ela transformava o pobre Peter num campônio. Peter não gostava nada, mas o que poderia ele fazer?

“Por que é que esta cabra não se levanta mais cedo?”, resmungou Peter.

“Levanta-te, Pedrú! Levanta-te! O comboio está quase a sair. Hoje tens que me levar à estação.”

“São quase oito horas, Pedrú!” Aproximando-se irada da cama, puxou Peter pelo braço. “Sai, seu vagabundo. Se eu me atrasar para o serviço, não és tu que vais para o olho da rua, és?”

Resignado mas ressentido, Peter arrastou os pés até o banheiro. Molhou a cara, esperando que a água fresca acalmasse a sua raiva. Sentindo-se um pouco melhor, voltou para o quarto. Ao apertar as calças, ainda esboçou um trejeito de irritação. Vestindo a camisa, disse entredentes: “Já se tornou hábito. Nem um único dia me deixa ficar na cama até tarde. Esta preguiçosa podia perfeitamente acordar mais cedo e caminhar até a estação. A cabra!”

Mas Teresa deve ter ouvido o que ele disse. Furiosa, chegou-se ao pé dele e gritou: “Como é que tens a lata de dizer isso! Seu verme! Passas o dia a fazer nada, vivendo às minhas custas. E, se um dia eu me atraso, nem uma boleia na bicicleta és capaz de me dar. Esfalfo-me por ti e ainda vens com estas queixas! Estraguei a vida ao casar contigo!”.

“Disseste que querias casar por amor, não era? É muito bem feito!” Entretanto, da cozinha, a mãe deitava mais querosene para as brasas.

Teresa rompeu num choro convulsivo, o que fez com que Peter serenasse. Calçando as sandálias, ele saiu discretamente para a cozinha. Serviu-se de chá quente que rapidamente engoliu.

A ponta do nariz da Teresa ficara da mesma cor que a sua blusa encarnada. As suas faces estavam igualmente coradas. Tinha posto uma saia justa que realçava as suas curvas. Ao retirar a bicicleta, Peter franziu a testa novamente ao pensar na maneira como a Teresa se vestira.

Peter estava sentando na bicicleta à espera da Teresa, com um pé no chão. Há dois anos atrás era comum vê-lo à espera dela na mesma posição em frente à estação... mas naquela altura ele estava apaixonado por ela.

“Por que é que estás a demorar? Despacha-te!”, gritou Peter, impaciente.

Teresa saiu. Ouvia-se o toque-toque do seu salto alto no pavimento. Ela sentou-se no guião da bicicleta e partiram. À medida que seguiam, ela ia se lembrando de dias passados.

Todas as manhãs Peter vinha até minha casa de bicicleta. Esperava que saísse para oferecer uma boleia. Fazia isso todos os dias sem falta. Não aceitava se eu recusasse. Dizia que não era incômodo nenhum. Lembro-me de ter rido muito um dia. Como de costume, ele chegara cedo e se deixava ficar frente à casa. Já estava lá desde as sete e meia mas passada uma hora eu ainda não tinha saído. Ao dobrar a esquina, chegando da missa, via que ele estava muito nervoso. Vinha correndo ao meu encontro e perguntou: “Teresa, por que não foste hoje ao escritório?”. Eu fiquei a rir, e à medida que ria ele ficava mais e mais perplexo até que resolvi aliviá-lo. “Tontinho! Hoje é domingo, não é?” Ah, a cara com que ficou!

Esquecendo a desavença de há pouco, Teresa começou a rir, o que pôs Peter ainda mais nervoso. Esta era afinal a mulher que há poucos minutos chorara com tanta tristeza. Olha como ela se ri agora. Ela devia estar ansiosa por se encontrar com alguém no escritório. Aquelas lágrimas deviam ser apenas um pequeno teatro.

Ao aproximarem-se da estação, repararam que o comboio já lá estava. Peter pôs-se a pedalar desalmadamente para chegar à plataforma. Ouviu-se o apito. O guarda agitou a bandeira. Bolsa numa mão, Teresa largou a correr. O comboio já arrancara. Antes que saísse da plataforma, conseguiu agarrar-se à porta da última carruagem, mas a saia dela era demasiada justa e não podia alçar a perna. Peter ficou embasbacado. Pendurada, ele viu de novo as axilas. O comboio estava a ganhar velocidade. Teresa fez uma tentativa falhada para entrar e começou a ficar em pânico. Neste preciso instante, um jovem debruçou-se para fora e sem esforço puxou-a para dentro da carruagem. Teresa nem olhou para trás. Mas Peter ainda conseguiu ouvi-la dizer obrigado ou coisa semelhante ao homem.

“Espertalhão! Viste como ele a agarrou?”

“Viu a oportunidade e aproveitou.”

“Estas tipas gostam disto. Para que é que pensas que vão trabalhar?”

“É verdade. Lá no escritório metem-se com toda a gente. Ninguém as pode parar.”

Os comentários dos homens no cais deixaram Peter furioso. Sentiu vontade de chegar ao pé deles e de esbofeteá-los um por um. Mas pensou duas vezes e conteve-se. Eram quatro.

Peter continuou na sua bicicleta. Neste momento estava ainda mais zangado com a Teresa. Por que ela não se levanta mais cedo? Já não lhe disse tantas vezes para ela não trazer aqueles vestidos justos? Mas ela faz o que quer e eu que aguente a vergonha... Ao ver aquele rapaz puxar a Teresa pelos braços, aquela gente disse que lhe oferecera uma boa “oportunidade”... Realmente o indivíduo deve se ter sentido muito orgulhoso daquele ato heroico! De Teresa disseram: “Estas tipas gostam disto. Para que é que pensas que vão trabalhar?”. Portanto a partir de agora é isso. Vou dizer a Teresa logo à noite: Chega de escritórios! Chega de vestidos provocantes!

Depois de casarem, Peter dissera-lhe várias vezes para parar de usar estas roupas sensuais. Mas Teresa respondeu que no seu serviço de recepcionista era esperado as mulheres se vestirem assim. Porém, ela cedeu num ponto: em casa nunca usava aquelas blusas sem manga e saias estilizadas. Isto só piorou a situação do ponto de vista de Peter. Ele achava que na sua presença ela deveria permitir-se uma roupa mais ousada caso o desejasse. Ele ficava embasbacado olhando para Teresa naqueles vestidos apertados, saias que revelavam as suas coxas e blusas com decotes muito generosos. Mas não queria partilhar o seu prazer com os homens do escritório dela. Por que é que ela se comportava daquela forma provocativa diante de estranhos? Mas não importava agora. Achando que Peter não gostava delas, ela nunca usava aquelas roupas quando estava com ele e ele não tinha coragem de lhe mandar vesti-las na sua presença e não na rua.

“Pee-terr!” Era Guilherme a chamá-lo. Normalmente Peter não se dignaria a parar. Mas ele tinha ouvido dizer que no dia anterior o pai de Guilherme regressara do estrangeiro e tinha curiosidade em saber o que trouxera com ele. Inflexivelmente o rumo e parou em frente a casa de Guilherme. O pai estava sentado na parte de fora numa cadeira de baloiço.

“Olá! És o Peter, não é? Como estás?”, disse o pai num sotaque estrangeiro. “Bem, onde trabalhas agora?”

“Nos negócios”, foi a primeira resposta que lhe ocorreu, mas o pai de Guilherme nunca a teria aceite sem mais nem menos. “Nos negócios”, com a cabeça levantada e o peito emproado era a resposta que sempre dava a questão “o que

fazes?”. Também tinha uma resposta pronta para a questão inevitável que se seguia: “que tipo de negócio?”.

“Negócios não têm limites. Negoceio em todo o tipo de coisas. Quando o preço dos cocos dispara, então é cocos. Se estamos na estação das patecas, é pateca. Em último recurso, há sempre o peixe!”

Na verdade, Peter nunca se aventurara nestes lides. Depois de passar por um triz a *matriculation*, o décimo ano, só conseguira dois empregos. O primeiro foi numa farmácia. Ele tinha de acordar cedo de manhã para ir para Margão de bicicleta e só voltava depois das oito da noite. Lá não havia sesta depois do almoço, o que não lhe alegrava a alma. Assim, quando o seu chefe lhe dera mais uma bronca, Peter saiu de mansinho para nunca mais regressar junto da sua presença intimidante e mesmo para buscar os treze dias de salário pelos quais ele se matara a trabalhar. Desde então, se a sua mãe ou outra pessoa perguntava, ele respondia sempre “negócios”. Antes de casar com a Teresa dissera-lhe o mesmo. E ela, como o amor é cego, acreditara ingenuamente nele.

Já casado, a sua segunda experiência de trabalho fora obra de Teresa. Usando a sua influência junto a seu patrão, conseguiu por portas travessas que Peter arranjasse emprego noutra repartição da sua companhia, totalmente contra a vontade de Peter. Ele tinha que se levantar cedo, apanhar o comboio, e ficar sentado numa cadeira o dia todo no escritório, de caneta na mão. Nem cinco minutos lhe davam para tirar uma soneca à tarde. Esta privação, junto com frete, moratória, arquivamento, nota de despacho, extrato, remessa e outros jargões incompreensíveis, tornaram-se demais para Peter e um dia ele caiu de cama com febre alta. Sob este pretexto voltou para casa e nunca mais lá pôs os pés.

“Não me digas que ainda estás desempregado. Arranja trabalho, homem, ou então vá para fora!” O pai de Guilherme não ia de modos. “Como é que vais fazer sem trabalho?”

“A mulher dele trabalha num escritório”, disse Guilherme, espicaçando-o.

“O quê? Mandas a tua mulher trabalhar? Que gênero de homem és tu? Nunca se deve deixar uma mulher ser livre. Ela sentará na tua cabeça! Podes crer! Um homem é...” Neste momento a mãe de Guilherme apareceu. E quase se ouvia o chiado quando o pai travou bruscamente a sua língua.

Peter só queria sair dali. Acabara de saber que o camião trazendo a bagagem do pai de Guilherme devia chegar a qualquer momento. Se ele estivesse por lá

quando chegasse, teria que ajudar. Assim, à primeira oportunidade, sumiu-se. Passando pelo mercado, comprou algum peixe e veio diretamente para a casa.

“És tu? Vem, babá. Estava a pensar o que é que se tinha passado”, disse a mãe de Peter.

Peter sabia o que ela queria dizer. Dirigiu-se ao poço com o pote e começou a tirar água. Disto não podia fugir. A mãe disse que sozinha não conseguia e desta vez não estava disposto a enfrentar a habitual descompostura. “Já é mau o suficiente não arranjares emprego, nem consegues dar uma mãozinha com isto?”

Mais tarde, Peter deitou-se na cama, mas não conseguia dormir. O que estaria Teresa a fazer. Provavelmente flertando no escritório. Mas com quem? Com o chefe? Ou com aquele jovem que a puxara para o comboio? Quem é ele? Se calhar alguém que a Teresa conhece. Mas “conhece” em que sentido? É esta a questão. A blusa sem mangas da Teresa, as axilas nuas, a saia curta, ela sendo puxada para o comboio, os comentários daquelas pessoas, “ele aproveitou-se”, o pai de Guilherme dizendo “nunca deixas uma mulher ser livre”. Todos estes pensamentos afluíram à mente de Peter como um enxame de abelhas enlouquecidas.

“Sua excelência deseja almoçar?”

Por que a minha mãe tem de ser tão sarcástica?

Depois de se repastar, Peter dormiu uma sesta e só acordou às cinco da tarde.

“Estás acordado? Onde é que vais perder o teu tempo hoje?” A sua mãe fazia pouco dele enquanto ele voltava a si. “Não queres trabalhar e nem sequer tens vergonha. E ainda por cima, tiveste a ideia de casar. Nem consegues sustentar a mulher, quanto mais pô-la no lugar. Aquele vestido! Aquele cabelo! Que espetáculo! Até os homens são mais decentes! Ela tem o marido de mãos e pés atados e folga tanto quanto quer. Vê o carnaval que ela faz quando volta! O que é o marido nesta casa? Um *bon’ho* de coco vazio! E a sogra? Nada além de uma casca seca!”

“Para, pelo amor de Deus!”, gritou Peter desesperado.

“Dizes para eu parar! Mas a ela não dizes nada! És um verme, é isso que és! Qualquer marido a sério lhe teria pregado dois estalos na cara para chamá-la à realidade. Mas tu! Que o senhor me leve daqui rapidamente. Ao menos morta, estarei longe disto...”

Peter já estava farto de ouvi-la. Pegando na bicicleta, seguiu direto para a tasca de Caetano.

Na varanda, jogava-se acaloradamente um partida de *tablam*. Os jogadores gritavam excitados, batendo com as peças na mesa, contagiando os espectadores com o seu entusiasmo.

Peter bebeu um copito e voltou ao jogo.

“Oito!”

“Doze!”

“Taa-blaaam!”

“Parabéns! Uma salva de palmas!”

Os jogadores ergueram-se saudando o vencedor.

Toda a gente começou a falar ao mesmo tempo. Que barulheira! Peter ficou a par das últimas coscuvilhices. De repente, Agnel bateu as mãos a pedir silêncio.

“Oçam! Alguém viu o comboio para Vasco partir esta manhã?”

“Eu...”, disse Menino.

“Cala-te!”, rosnou Agnel. “Estava lá mais alguém?”

Peter estava agora apreensivo e rezou para que Agnel não o tivesse escolhido para ser ridicularizado naquele dia.

“Então, ouçam. A mulher do nosso querido Peter, a jovem Teresa, quase que foi esmagada pelo comboio hoje!”

“O quê!”, disse a multidão espantada.

“Mas ela teve sorte. Um bom amigo da nossa jovem Teresa estava no comboio. Quem sabe, talvez ele estivesse mesmo à sua espera. Então, como o herói de uma fita hindi, agarrou-a debaixo dos braços assim e puxou-a para a carruagem num piscar de olhos”, disse Agnel, representando a cena com vivos gestos.

“Agnel!”, disse Peter, perdendo a cabeça. “Vê lá o que estás a dizer!”

“Será que me enganei? Bom. Então, conta-nos como realmente aconteceu”, troçou Agnel.

“Chega dessas conversas de merda”, gritou Peter, pálido.

“O quê? O quê! O que vais fazer? Diz isso aqui ao pé de mim, miúdo.” Agarrando Peter pelo braço, puxou-o violentamente. Ficaram cara a cara.

Peter estava baralhado e agitado e começou a gaguejar. A sua figura já pobre entrou em bancarrota completa.

“Olhem como ele é corajoso, o nosso menino”, rosnou Agnel perante a risota geral. “Agora volta para a casa e mostra essa coragem a tua mulher!”

Peter estava num turbilhão. Tenho que tolerar isso tudo por causa da Teresa. Para onde quer que eu vá, sou insultado. Não, humilhado! Hoje primeiro na estação, depois pelo pai do Guilherme, depois pela mãe, e agora – não vou tolerar mais isto! Emborcou mais um copito. Puro.

Pedalou até a estação e chegou a tempo de ver Teresa sair do comboio. Peter observou a cena cuidadosamente. Sentado a uma das janelas estava “o rapaz”.

Teresa sentou-se na bicicleta. Parecia contente consigo própria, o que só tornou o humor de Peter ainda mais negro.

“Peter, hoje de manhã foi por pouco. Se ele não me tivesse segurado...” Teresa tagarelava à medida que eles seguiam. Sentada no guião, ela não podia ver a cara de Peter, senão ela ter-se-ia espantado dos seus olhos injetados de sangue e a veia que estalava na sua frente.

A bicicleta parou à porta deles. Teresa apeou-se.

“Pedrú! Vê lá se me vens buscar um bocado mais cedo amanhã, tá? Senão acontece o mesmo que aconteceu hoje...”

Peter levantou a mão e esbofeteou-a. As bochechas de Teresa ficaram escarlates e ela começou a gritar, enquanto a mãe acompanhava o espetáculo pela janela. Peter ia ficando cada vez mais desvairado. Batia nas faces, no estômago, nas mãos, nas pernas, em tudo que era parte... cada vez mais e mais...